

A ABORDAGEM POLÍTICA DA SAGA GUERRA CIVIL DA MARVEL E A REPERCUSSÃO DOS QUADRINHOS E DO FILME

Tatiane Vieira de Melo (IC) E Hugo Harris (Orientador)

APOIO: PIVIC Mackenzie

RESUMO

Esse trabalho tem como principal objetivo apresentar os ideais da Marvel por trás de sua saga Guerra Civil. A história foi pensada em 2001 para criticar o governo estadunidense após o ataque de 11 de setembro, falando sobre espionagem, vigilância global e armamento. A adaptação para o cinema focou no lado humanizado da divisão entre os super-heróis, como metáfora do povo e políticos norte-americanos. Assim, a pesquisa irá mostrar como um quadrinho escrito em 2001 tem sua crítica ainda válida quando postado em 2006 e quando adaptado para os cinemas em 2016. O assunto é pertinente a partir da crescente visibilidade dos filmes e histórias em quadrinhos da empresa, além do fato de que o filme *Capitão América – Guerra Civil* foi considerado o mais político da Marvel. A pesquisa foi feita por meio de artigos científicos de estudo sobre a empresa e a saga e análises críticas de especialistas em cinema e quadrinhos.

PALAVRAS-CHAVE: Política. Marvel. Repercussão.

ABSTRACT

This work has the main goal to show the ideology that Marvel has hidden into its Civil War's saga. The story was thought in 2001 to criticize the US government after the September 11 attack, talking about espionage, global vigilance and weaponry. The adaptation to the cinema focused on the humanized side of the division between superheroes as a metaphor to the American people and politicians. Therefore will prove how a comic book written in 2001 has still a valid critic when posted at 2006 and adapted to the cinema in 2016. The subject matter because of the growing visibility of Marvel's movies and comic books, beside the fact that *Captain American – Civil War* has been considered the most political Marvel movie. The research was done through scientific articles about the saga and its company and critics analysis from cinema and comic's specialists.

KEYWORDS: Politics. Marvel. Repercussion.

INTRODUÇÃO

Os avanços da técnica e da comunicação, bem como o maior acesso à educação, facilitam a propagação de ideias e informações. Dessa forma, propicia-se o discernimento das ações políticas e entendimento de fenômenos existentes no meio social.

Na arte sempre se preocupou em trabalhar assuntos externos ao homem e fazê-lo refletir diante das circunstâncias em que vive. Santo Filho (2008, p.01) afirma que “tanto o pintor quanto o escritor, ambos movimentam-se apoiados em seus respectivos suportes para expressar através dos signos as emoções e sensações vividas”. Assim, todo produto cultural vem com a bagagem do criador. A ideologia por trás desses produtos é notada a partir do estudo sobre o contexto social:

[...] somente um conhecimento científico da realidade social objetiva (e dizemos isto entendendo que a ciência também abriga modelos ideológicos de conhecimento), seguido de uma depuração na prática social, pode ser empregado como critério para verificar a quantidade de ideologia ou verdade de um produto cultural (DORFMAN; JOFRÉ, 1978)

Para Cirne (1982, p.23), os quadrinhos também tratam de contextos socioeconômicos e políticos em suas narrativas. Trazê-los para as telas de cinema envolve moldar-se à situação moderna e mostrar seu ponto de vista acerca de outros momentos histórico-sociais.

A Marvel Comics ganhou muitos fãs antes mesmo de suas adaptações para o cinema. Com elas, sua visibilidade tornou-se ainda maior, como afirma o diretor do filme *Capitão América: Guerra Civil*, Anthony Russo, em uma entrevista dada à *Veja*¹. De acordo com os números divulgados pela *Diamond Comics*, com análise do site *ICv2*, em março de 2013, o mercado de quadrinhos aumentou 22,59% em relação ao mesmo mês do ano anterior. No cinema, em 2014, quatro dos dez filmes de maior bilheteria eram de superheróis (ASSIS, 2016, web).

A princípio, os quadrinhos tinham um público-alvo masculino, predominantemente infanto-juvenil. As relações entre os personagens e o estilo de escrita eram direcionadas para esse grupo. Não obstante, por mais que tenham sido criados para entretenimento, tanto quadrinhos, quanto animações e filmes adaptados falavam de aspectos políticos e socioeconômicos em suas narrativas, mesmo que sutis.

¹ BARBOSA, H. C.; ALOI, Rafael, 2016, web et. seq.

O enfoque deste trabalho é dado a um exemplo disso: a saga Guerra Civil. Esta se destaca por dois motivos: a repercussão da história em quadrinhos e a recente adaptação para o cinema, visto até como “o filme mais político da Marvel”, de acordo com o diretor Anthony Russo. A partir de então surge a pergunta problema: a Marvel relaciona contextos e ideais políticos reais com as tramas de suas histórias?

A SAGA

Essa série foi escrita na época em que houve o ataque terrorista de 11 de setembro, embora tenha sido lançada somente em 2006. Sua finalidade era pressionar o governo norte-americano a enfrentar a situação de guerra contra o terrorismo e criticar o abuso contra as liberdades individuais.

O enredo gira em torno de uma medida drástica de intervenção imposta pelo governo americano sobre os heróis, pelo fato de possuírem liberdade para agirem como lhes convém, sem terem de responder por seus atos. A lei criada recebe o nome de Lei de Registro. Ela obriga os heróis a revelarem suas identidades e força-os a trabalharem como funcionários públicos se quiserem permanecer como heróis.

Nas HQ's (Histórias em Quadrinhos) o povo manifesta sua vontade de responsabilizar os super-heróis por seus atos quando um acidente causado por jovens heróis resultou na morte de 600 civis. Nos filmes abordaram desastres que já tinham sido mostrados nos cinemas, mas que também tinham a finalidade de revelar o caos provocado pelas lutas entre super-heróis e super-vilões.

A ideia parece conveniente para o governo. Agora teriam maior controle sobre pessoas superdotadas e poderosas. O problema, então, surge com as liberdades individuais e identidades dos heróis que são infringidas por essa lei. Shikida (2016, web) diz que “Não foram poucas as vezes nos quadrinhos em que interesses políticos tentaram influenciar e controlar os heróis por interesses próprios”. O lado do Capitão sempre declarou priorizar a população, sem agir em favor de governos. A Lei de Registro não afetaria somente os heróis, mas qualquer pessoa próxima a eles. No filme, a sentença era ainda mais drástica: aqueles que não revelassem suas identidades eram caçados e presos na Prisão de Zona Negativa, preparada para conter pessoas com superpoderes. No livro, os heróis contra a decisão do governo argumentam que a atitude os limitaria até em suas rotinas.

Só estou pensando em um encontro que tive dez minutos atrás com um garoto da fundação Faça um Desejo. Eu lhe disse que jogaríamos beisebol no quintal dele por um tempinho, mas na certa o lugar está

coalhado de mata-capas. Foram as pequenas coisas que nos roubaram com esse lixo de registro, as pequenas coisas que nos fazem quem somos. (MILLAR; MCNIVEN, 2010, p. 65).

A partir disso, os heróis se dividem entre aqueles que são a favor da lei e aqueles que são contra. Os líderes de cada lado são Homem de Ferro e Capitão América respectivamente. O supersoldado, com o ideal de *American Way of Life*, defende a liberdade incondicional. Já o empresário é aquele que se preocupa prioritariamente com a segurança nacional. A grande questão, portanto, está nas das ideologias que envolvem a narrativa.

Eles estão numa guerra ideológica. Tony acredita que o Capitão fará os super-heróis serem banidos para sempre. Ele está convencido do perigo e de que o Capitão causará grandes problemas porque não vai recuar e aceitar a realidade. O Capitão acredita que Tony está de conluio com pessoas que podem mandá-lo para o Golfo se quiserem, e ele adorava a autonomia do Universo Marvel pré-Guerra Civil. Os dois estão dispostos a morrer por suas crenças porque acreditam que tudo está em jogo. Isso quer dizer que, tal qual a Guerra Civil original, eles vão precisar sujar as mãos.

(MILLAR; MCNIVEN, 2010, s/p)

A história, contudo, não se restringe ao debate político. Todas as obras da saga abordaram fortemente questões como amizade, família, poder, solidariedade e o debate sobre o que é ser um super-herói. A confiança e proteção que Steve Rogers dava a Bucky Barnes, a separação temporária da Mulher Invisível e o Homem Elástico e os acordos com Wakanda foram alguns exemplos disso.

DIFERENÇAS ENTRE O LIVRO, O FILME E A HQ

As três formas de arte apresentam linguagens diferentes. Os quadrinhos tem uma relação de complementaridade entre a imagem e o texto. Segundo Ramos (2009, p. 355) “um grande rótulo, que abriga características comuns de diferentes gêneros autônomos ligados à área”. Esse conjunto de características manifesta-se diferentemente em cada momento histórico. Para Steger (1987, p.128) a linguagem literária, por sua vez, “provém de tais processos de transposição, adaptada a seus objetivos de expressão na literatura ficcional”. Já os filmes possuem diferentes linguagens.

Por se tratar de uma adaptação, algumas mudanças fizeram-se necessárias e podese dizer o mesmo em relação a um filme. No caso de Guerra Civil, a transformação da história em quadrinhos para o livro foi fiel. Não alterou os fatos ou o rumo dos personagens. Eles ainda aproveitaram certas cenas para aprofundar, como o encontro de Susan Storm com Namor, o qual recebe um capítulo exclusivo para isso.

Quanto à adaptação do filme, a diferença já começa pelo nome: *Capitão América: Guerra Civil*, ou seja, está dentro da sequência de filmes do Capitão América, funcionando como a continuação das aventuras do personagem. A ideia era abrir a fase três da Marvel nos cinemas, onde passariam a introduzir e enfatizar novos personagens em detrimento dos já estabelecidos.

A Marvel construiu seu universo aos poucos no cinema, apresentando os personagens Hulk, Thor, Capitão América e Homem de Ferro para depois formar o grupo dos Vingadores. Entretanto, nem todos os personagens das Histórias em Quadrinhos foram inseridos no cinema e alguns ainda estavam sob o controle de outras produtoras, o que dificulta na adaptação da história original. Com esse filme introduziram o Homem-Aranha e o Pantera Negra ao universo Marvel.

A obra original abrangeu a maioria dos heróis da Marvel Comics, o que não teria como ser transportado nas mesmas dimensões para a produção cinematográfica. Dessa forma, a Disney, atual dona da Marvel no cinema, teria que fazer sua obra com os personagens já conhecidos pela sétima arte e introduzindo somente alguns e essenciais personagens. Para Araújo e Souto (2016, web) “a sensação é de renovação para a terceira fase de filmes da Marvel, que prevê no mínimo mais 8 produções”.

Ela escolheu inserir o Homem-Aranha e o Pantera Negra ao seu universo. HomemAranha por ser um dos personagens mais amados pelo grande público; por antes ter pertencido à outra produtora, mas que agora pode interagir com os demais personagens adaptados pela empresa e como plano de marketing para o próximo filme solo do jovem. Já o Pantera Negra foi escolhido para expandir as fronteiras da Marvel dos cinemas para fora dos Estados Unidos.

Na história original, Peter Parker serve como um centro moral para o conflito. A princípio estava no lado do Homem de Ferro, chegando até mesmo a revelar sua identidade e servir como garoto propaganda da Lei de Registro, mas depois passou a lutar pelos ideais do Capitão América. Os pensadores da história atentaram-se para não alterar a essência dos personagens ou inseri-los dentro de uma ideologia, mas seguiram a forma pela qual enxergavam os personagens. Conforme Millar e Mcniven (2014, s/p) “nenhuma pessoa pode

efetivamente ser descrita como liberal ou conservadora” e é por essa complexidade dos personagens que se torna normal que troquem de lados ou mudem de ideia. Neste caso, o Capitão América aparece com o conceito de liberdade, enquanto o Tony Stark/Homem de Ferro busca fazer a coisa certa para o bem maior.

Essa divisão ideológica é a única base de todo o conflito da trama, sem apresentar diretamente nenhum vilão com plano maligno - diferentemente da produção cinematográfica, que introduziu o Barão Zemo e Ossos Cruzados - com o intuito até mesmo de deixar os leitores divididos, fazendo com que quem estivesse lendo escolhesse um lado.

Não somente os personagens inseridos foram transportados em proporções diferentes, mas também a quantidade e a forma em que personagens foram eliminados. Nas revistas, um deles é o próprio Capitão América, assassinado logo após a reconciliação, mas que no cinema ainda não teve seu final totalmente construído.

Há uma decisão corporativa de 'Nós queremos aquele cara lutando naquele filme, então não podemos matá-lo'. Mas, também, terminaria esse conflito que nós queríamos que continuasse confuso e mantivemos para que todo ainda esteja mal por esse embate que eles não concluíram. (MILLAR, MCNIVEN, 2014, s/p)

Os quadrinhos Guerra Civil deram mais ênfase em mostrar seus heróis em conflito e o resultado de suas lutas, enquanto o longa é mais focado nos personagens. A narrativa envolve o conflito político e a motivação individual dos heróis. Cada lado é defendido por um ponto de vista muito pessoal e faz com que quem esteja assistindo entenda os dois âmbitos. Na obra original, o Doutor Estranho ao ser perguntado do porquê de não se envolver, visto que com suas grandes habilidades poderia encerrar a guerra facilmente, ele responde: “não há certo ou errado neste debate, é apenas uma questão de perspectiva, e não cabe a mim influenciar a evolução do papel dos super-humanos” (MILLAR; MCNIVEN, 2014, s/p). Ele deixa claro que é necessário que haja o embate para o amadurecimento dos dois lados como super-heróis que, no fundo, lutam pelos mesmos ideais: os vilões.

Para mostrar a inconsequência dos atos dos heróis, nas HQ's o Golias é feito de mártir, enquanto no filme o Máquina de Combate, também negro, é resultado de um descuido. Esses acontecimentos estavam estrategicamente ali para mostrar que chegaram a um momento em que a ideologia não era o que os motivava, mas a luta por si só. Vendo essa situação que Susan Richards, do Quarteto Fantástico, resolve não apoiar mais o lado do Homem de Ferro. Por isso, teve de enfrentar até mesmo seu marido e deixar uma carta para seus filhos, explicando seu afastamento. Ela notou que os artífices usados na guerra estavam indo além do que eles diziam ser necessário para cumprir a Lei de Registro.

A própria proporção do Acordo foi uma mudança que houve das revistas para o longa-metragem. Enquanto este (Acordo de Sokóvia) teve interferência direta da ONU e é em escala mundial (117 países envolvidos), aquele (Ato de Registro) é restrito aos Estados Unidos. A ideia também divergiu. O primeiro tratava-se de colocar os Vingadores sob o comando da ONU e do governo e o segundo servia para catalogar e controlar os superheróis, revelando as identidades secretas. A premissa, no entanto, permaneceu a mesma: do Estado ter controle sobre a vida e atuação dos heróis e forçá-los a aceitar a nova realidade de forma cruel, comprometendo sua privacidade.

IDEOLOGIA

A abordagem crítica das Histórias em Quadrinho não é de hoje. Essas histórias traçam uma linha tênue entre a crítica política e social e a maré histórica. O sociólogo e filósofo brasileiro Nildo Viana desmistifica:

A historicidade do gênero superaventura é uma historicidade dependente da historicidade da sociedade e, portanto, a periodização da história da superaventura está intimamente relacionada com a história da sociedade moderna. Porém, como se trata de uma totalidade no interior de outra totalidade mais ampla, a história do gênero da superaventura possui períodos que estão ligados a aspectos mais específicos da sociedade moderna e, por isso, pode ter períodos que não são da mesma quantidade que os daquela (VIANA, 2005, p. 16).

O próprio personagem Capitão América foi criado junto à ideia metafórica de atrelamento ao contexto histórico vigente. Nasceria como uma importante ferramenta de propaganda nacionalista, na Primeira Guerra Mundial, instalado contra os soldados nazistas de Hitler. Contudo, a ideia de sua criação não se restringia ao contexto em que fora criado, mas como o braço do iluminismo, carregando consigo esses valores em qualquer década em que se instaurasse. Com isso, assim como quando surgiu, como símbolo de sua pátria, até ao reaparecer mais de sessenta anos depois, ele continua representando a liberdade e igualdade. Seus pensamentos e forma de agir declaram sua crença e luta por esses ideais.

Quanto à saga Guerra Civil, decidir de qual lado está é colocar-se na posição de questionador. Dessa forma, a Marvel questionou a situação dos Estados Unidos. A escolha de cada personagem e ação foi feita para cumprir tal propósito.

Com o ataque terrorista às torres gêmeas, os EUA viram-se na necessidade de tomar uma decisão em relação a esses grupos. Viana (2005, p.15) confirmou: “os superheróis são

produtos históricos e sociais como qualquer outra produção cultural”. Nesse sentido, a Marvel utilizou a metáfora dos heróis para mostrar que era essencial o país se ater à segurança do povo e às condições democráticas individuais.

A ideia da Zona Negativa é uma alusão às torturas, jogos de estratégia, privação de direitos feitos pelos Estados Unidos após o atentado de 11 de setembro ao *World Trade Center*. Nesse momento, o governo norte-americano chegou a prender, sem provas concisas, setecentos suspeitos de envolvimento com Al Qaeda. O discurso utilizado era o da Guerra ao Terror, movimento global contra o terrorismo, elaborado pelo presidente, na época, dos Estados Unidos, George W. Bush (ANTUNES, 2013, web).

Dentre os aspectos da política moderna abordada no filme, encontra-se a questão da espionagem, vigilância global e do armamento. Para utilizar tais métodos, eles ignoram os direitos básicos do ser humano:

Entretanto, em Washington, muitos já tentam usar essa ameaça declarada para justificar o programa do serviço de informações escancarado por Snowden e outras excessivas reações ao terrorismo. Se devesse ocorrer outro ataque, eles, seguramente, fariam o mesmo. Existe um padrão a esse respeito e precisamos examinar de modo sereno deixando o medo de lado. (ROTHKOPF, 2016, web)

As críticas não se restringem à época de criação da saga, mas se aplicam também ao contexto de hoje.

O ator Anthony Mackie, que interpreta o personagem Falcão, relatou em entrevista² à *Comic Book Resources* para tratar do filme.

O filme é focado nos altos e baixos da sociedade em que vivemos hoje. É realmente genial como a Marvel consegue pegar personagens fictícios, como super-heróis, e os colocar em uma trama sobre os problemas políticos modernos. Misturar esses dois elementos de maneira realista e fazer você acreditar naquilo é o grande acerto da Marvel. (MARAFON, 2015, web)

Morisawa (2016, web) diz: “em Guerra Civil, o objetivo era virar de ponta-cabeça a psicologia dos personagens da Marvel. E eles conseguem fazer isso injetando (muita) política na trama”.

Partindo da ideia de que a Marvel sempre trabalhou a perspectiva estadunidense e que estamos em uma fase de sucesso dos filmes da empresa, *Capitão América: Guerra Civil* chega também como reflexo das questões geopolíticas atuais.

² MARAFON, Renato; 2015, web.

Para o diretor Anthony Russo, o “mais importante é pensar em motivos que levariam estes personagens a apoiar ou não” e como “a ideia política vai complicar suas vidas pessoais”. Mais do que política, a série trata do lado humanizado do conflito.

Joe Russo, diretor do longa-metragem, afirma existência de forte radicalização no mundo de hoje, que se aplica tanto para os Estados Unidos, quanto para o Brasil, afinal “lemos muito, somos interessados no que acontece no mundo. É inevitável que isso entre nas nossas histórias”.

Acerca da política liberal e conservadora dos Estados Unidos e sua relação com a história, de acordo com Millar e Mcniven (2014, s/p) é “algo preguiçoso escrever fazendo tudo preto ou branco (...) as pessoas são mais complexas do que achamos”. Os criadores adotaram esse pensamento para desenvolver seus personagens.

Todos os personagens foram pensados para cada lado baseado em suas características já construídas e desenvolvidas no mundo Marvel. Suas crenças e o que os impulsiona a serem super-heróis é o que determina sua posição na Guerra Civil e assim como as pessoas são mutáveis, os personagens também são, podendo mudar de lado quando acharem conveniente, como o exemplo de Peter Parker.

Nos quadrinhos, Tony Stark representa os Estados Unidos pós-ataque de 11 de setembro. O Estado, com a Lei de Registro, passa a tomar medidas drásticas para obrigar os heróis a agirem sob a supervisão do governo, como através do recrutamento de vilões para caçarem seus antagonistas e por um clone feito do deus Thor, que quando usado em batalha resultou na morte de um personagem. Para esse lado da Guerra Civil, tudo era válido em nome da Lei de Registro e do que eles diziam ser o clamor do povo por justiça. Mesmo discurso utilizado pelos Estados Unidos ao abusarem da espionagem e vigilância na “guerra contra o terror”.

Por outro lado, o Capitão América defende que não se faz o que quiser em nome do Estado. As liberdades individuais devem ser asseguradas acima de tudo e é direito de cada cidadão. Além disso, submeter-se à fiscalização do governo tiraria toda a essência do que é ser super-herói e limitaria sua atuação. É a ideia de que a espionagem e a perseguição aos descendentes árabes, por exemplo, não pode ser defendida pelo discurso de “guerra ao terror”.

Já nos filmes cabia fazer uma angulação diferente. A ideia passou de defender as liberdades individuais a questionar a validade de uma divisão de ideologias. No final da primeira parte dos quadrinhos o Capitão América rende-se dizendo que eles não estavam mais lutando por seus ideais, mas apenas lutando. Até onde cada um pode ir por aquilo que acredita ser o certo? E vale a pena? Nas telas de cinema isso ficou mais evidente. Não

condenaram ou defenderam um lado, mas expuseram os dois de forma a entender quais eram as motivações de cada um. No entanto, ambos encontraram um inimigo mais importante, o verdadeiro vilão, que fez com que se unissem e sentissem novamente o que era ser um super-herói.

REPERCUSSÃO

A película ganha ainda comparações inclusive pelo ponto de vista de um brasileiro e até em relação ao contexto político-econômico do Brasil.

Como resultado da repercussão da saga, o PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado) posicionou-se e criticou a política capitalista por trás da história.

[...] nada melhor que o Estado, o escritório de negócios da burguesia, para controlar o uso dos poderes desses heróis para garantir que estejam sempre a serviço do interesse burguês. [...] O que o Capitão defende nada mais é que os interesses daqueles que querem continuar podendo bater e matar pequenos criminosos enquanto gritam “bandido bom é bandido morto” enquanto fecham os olhos para os verdadeiros ladrões e criminosos que ocupam cadeiras no congresso e moram em coberturas em Manhattan. (CRUZ, 2016, web)

Segundo a análise do partido, nenhum lado extraiu o verdadeiro problema da sociedade. O lado do Homem de Ferro é o defensor do Estado e da perpetuação daqueles que já obtém poder e dinheiro e o lado do Capitão América não defende uma mudança significativa na estrutura da sociedade. Para o PSTU o verdadeiro inimigo é o capitalismo.

No Brasil, em seu último processo eleitoral, diferenças se formaram e com o andamento do *impeachment* voltaram à tona com mais força. O povo brasileiro estava dividido como em Guerra Civil. De um lado aqueles que apoiavam o governo de Dilma e do outro, os que apoiam seu *impeachment*. A defesa incontestável pelos ideais políticos e a intolerância distanciaram os dois grupos. Nas redes sociais essa comparação gerou grande repercussão.



Comentários retirados da rede social *Twitter*

Afinal, cada qual, dentro da trama, possui interesse próprio, que motivam suas ações, por meio de alianças, estratégias nacionais e internacionais. E não somente dentro, mas também para escolher o lado, o telespectador/leitor considera seus interesses e valores pessoais.

A Marvel está consolidando-se nos cinemas. *Capitão América: Guerra Civil* é um marco para a fase três da empresa. Levando esse fato em consideração e partindo do ponto de vista social, a revista *Época* criticou a falta de diversidade nos heróis levados para as salas de entretenimento ao mesmo tempo que notou uma significativa melhora. Conforme Bianco e Coronato (2016, web) “fica evidente, porém, o legado de décadas em que não se pensava tanto assim em diversidade”. A composição dos lados: líder branco, braço-direito negro e uma super-heroína fez com que surgisse uma nova imagem de protagonista, mesmo que sutilmente.

CONCLUSÃO

A resposta a pergunta-problema é sim. A Marvel coloca dentro de sua trama, seja ela em veículo impresso ou digital, discussões que remetem às questões sociopolíticas. No contexto em que a história da Guerra Civil foi lançada em quadrinhos, a empresa tinha o interesse de pressionar o Estado norte-americano a posicionar-se corretamente perante os ataques terroristas que vinham sofrendo. Ela acredita que não se justifica a espionagem, vigilância global e armamento com o discurso do terrorismo e “bem maior”, colocando esses grupos como inimigos supremos da nação. Mas, atenta para a necessidade de observar todos esses ataques com cautela e sem infringir o direito de nenhum cidadão.

Nota-se também que a adaptação cinematográfica de Guerra Civil recebeu um novo sentido dentro do contexto sociopolítico do ano de 2016. Espionagem, dualidade de partidos e ideias foram alguns dos temas que foram discutidos dentro e fora das telas de cinema. Embora ainda lidando com o terrorismo, a polaridade ideológica marca o ano de lançamento do filme: eleições presidenciais no mundo todo divididos por partidos de pensamentos extremos, como França e Estados Unidos, são algumas provas de como as convicções e crenças estão aparecendo de forma cada vez mais binárias no cenário político mundial.

Devido a toda ideologia contida nas obras da Marvel, tanto na época de lançamento do livro, quanto do filme, houve críticas e análises que permitiram a comparação entre a mensagem abordada na ficção e a realidade política vigente, resultando em uma repercussão mundial. A complexidade da saga, que abrangeu todo o universo Marvel dos quadrinhos e o possível dos cinemas, resultou em análises críticas com diferentes perspectivas, como econômicas, políticas e sociais. Essa história marcou o mundo dos quadrinhos quando foi lançada, dividindo os personagens em proporções enormes, e o mundo dos filmes, ao dar início a fase três da Marvel nos cinemas.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, P. **Os Riscos Reais Da Espionagem Americana**: o governo dos EUA comete erros claros de avaliação em sua guerra contra o terrorismo. Tradução de Anna Capovilla. *Estado de São Paulo*, São Paulo, 13 ago. 2013. Disponível em: </http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,os-riscos-reais-da-espionagemamericana-imp-,1063354/>. Acesso em: 25 abr. 2016.

ASSIS, É. **Mercado de quadrinhos tem novo crescimento e Marvel domina vendas:** Guardiões da Galáxia e Age of Ultron são sucesso na primeira edição. Disponível em: <https://omelete.uol.com.br/quadrinhos/noticia/mercado-de-quadrinhos-tem-novocrescimento-e-marvel-domina-vendas/>. Acesso em: 27 abr. 2016.

ARAÚJO, Bruno; SOTO, Cesar. **‘Capitão América: Guerra Civil’ é o filme mais importante da Marvel;** G1 já viu. G1, São Paulo. Disponível em: <http://g1.globo.com/poparte/cinema/noticia/2016/04/capitao-america-guerra-civil-e-filme-mais-importante-da-marvelg1-ja-viu.html>. Acesso em: 16 ago 2017.

BARBOSA, H. C.; ALOI, Rafael. Entrevista: Anthony Russo. *Veja*, São Paulo. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/complemento/entretenimento/capitao-america-guerra-civil/#4/>. Acesso em: 26 abr. 2016.

BIANCO, N; CORONATO, M. **Capitão América: Guerra Civil empolga mas mostra que Marvel ainda está devendo.** Época, Globo. São Paulo. Disponível em: <http://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/04/capitao-america-guerra-civil-empolga-masmostra-que-marvel-ainda-esta-devendo.html>. Acesso em: 30 ago. 2017.

CALLARI, V. **Política e terrorismo na série Guerra Civil da Marvel Comics.** Dissertação (mestrado em História e Historiografia) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/dominiosdaimagem/article/view/20650/15670>. Acesso em: 4 abr. 2016.

CIRNE, Moacy. **A Explosão Criativa dos Quadrinhos.** Petrópolis: Vozes, 1972.

CRUZ, Diego. **Guerra Civil: Escolha o seu lado.** 2016. Disponível em: <http://www.pstu.org.br/guerra-civil-escolha-o-seu-lado-35890/>. Acesso em: 22 mar. 2016.

DORFMAN, Ariel; JOFRÉ, Manuel. **Super Homem e Seus Amigos do Peito.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. 163 p.

MARAFON, Renato. **‘Capitão América: Guerra Civil’ terá uma trama política moderna, diz ator.** 2015. Disponível em: <http://cinpop.com.br/capitao-america-guerra-civil-teramatrama-politica-moderna-diz-ator-106547/>. Acesso em: 23 abr. 2016.

MILLAR, Mark; MCNIVEN, Steve. **Guerra Civil.** Salvat, 2014.

MIRANDA, A. **Revistas de super-heróis batem recordes no mercado americano:** Gênero de quadrinhos cresce em paralelos ao sucesso de filmes blockbusters e de séries

de TV. *O Globo*, São Paulo, 29 out. 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/revistasde-super-herois-batem-records-no-mercado-americano-14387689/>>. Acesso em: 27. abr. 2016.

MOORE, Stuart. **Guerra Civil: Uma história do universo Marvel**. Novo Século, 2014.

MORISAWA, M. “**Capitão América: Guerra Civil**” traz discussão política em sua trama: O conflito entre o épico e o legal está no centro das hostilidades do longa. *Estado de São Paulo*, São Paulo, 27 abr. 2016. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/cinema,capitao-america-guerra-civil-traz-discussao-politica-em-sua-trama,10000028207/>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

RAMOS, Paulo. **Histórias em quadrinhos: gênero ou hipergênero?** 2009. 367 f. Tese (Doutorado), Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), São Bernardo do Campo, 2009. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N3_28.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2016.

RONCONI, J. **Debate político no Brasil: uma análise através das hq’s e do livro “pare de acreditar no governo”**. Estudantes pela Liberdade, Espírito Santo, 2016. Disponível em: <http://epl-es.com.br/debate-politico-no-brasil-uma-analise-atraves-dos-hqs-e-do-livro-parede-acreditar-no-governo/>. Acesso em: 20 abr. 2016.

ROTHKOPF, David. **Os riscos reais da espionagem americana: O governo dos EUA comete erros claros de avaliação em sua guerra contra o terrorismo**. O Estado de São Paulo. São Paulo, p. 0-0. 20 abr. 2016. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,os-riscos-reais-da-espionagem-americana-imp-,1063354>>. Acesso em: 13 ago. 2016.

SANTOS FILHO, José Jacinto dos. **A personagem na pintura e a pintura da personagem: encontros com Matisse e Lautrec em The Buenos Aires Affair**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 11., 2008. Anais. São Paulo: Usp, 2008. p. 1 - 10. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/032/JOSE_FILHO.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2017.

SHIKIDA, Thomas. **Guerra Civil da Marvel: de que lado você está?:** Famoso arco de histórias em quadrinhos será adaptado ao cinema, mas a análise da história e de suas polêmicas opiniões vai além do cinema e dos quadrinhos, passando por política e filosofia..

Brasil: Esquerda Diário, 2016. Disponível em:
<<http://www.esquerdadiario.com.br/GuerraCivil-da-Marvel-de-que-lado-voce-esta>>.
Acesso em: 13 ago. 2016.

STEGER, H. **O que é linguagem literária?** Fragmentos, Florianópolis, n. 3, jan./dez, p. 101- 140, 1987.

VIANA, Nildo. **Heróis e Super-Heróis no Mundo dos Quadrinhos**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2005.

Contatos: tatiane.vmelo@gmail.com e hugo.harris@mackenzie.br